

DE OLHO NO MUNDO DO

TRABALHO



PELA VALORIZAÇÃO  
DO TRABALHO, DA SAÚDE E DA VIDA!

FUMICULTURA

NO

BRASIL

FUTURO INCERTO

## FUMICULTURA NO BRASIL: FUTURO INCERTO

Nas últimas semanas diversas notícias deram conta de uma forte queda nas exportações de fumo brasileiro. A Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) coloca como causa desta situação a redução mundial do consumo (queda de dois bilhões de unidades entre 2012 e 2013) e no crescimento do uso do cigarro eletrônico. Como alternativa a Associação propõe a redução de 12% na área de produção do fumo Virginia e de 22% na área do fumo Burley, com o objetivo de segurar o preço pago aos produtores.

Já o Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (Sinditabaco) vê problemas na valorização do real, o que desestimula as exportações brasileiras e no aumento da produção de fumo em países africanos (Zimbábue produziu 50 mil toneladas a mais, em 2014), onde o custo da mão-de-obra dos agricultores produtores é menor que no Brasil.

É bom olhar com certo cuidado estas informações e análises, exatamente porque a região Sul do Brasil, que é responsável pela produção de 97% do fumo brasileiro, está iniciando neste momento a sua safra.

### Exportações

De fato, houve uma queda significativa das exportações, se comparado o primeiro semestre de 2014 com o primeiro semestre de 2013, tanto no volume como no valor exportado em fumo. As quedas foram de 35,6% no volume e de 35,0% no valor.

No primeiro semestre de 2013, foram exportadas 263,75 mil toneladas contra 169,96 mil no mesmo período de 2014. Os valores obtidos com as exportações, em cada primeiro semestre, foram de US\$ 1,3 bilhão, em 2013, e de US\$ 852 milhões, em 2014.

É preciso lembrar também que entre o primeiro semestre de 2013 e o de 2012 houve uma queda de 1,6% no volume de fumo exportado. Considerando-se os totais de cada

ano, houve uma queda de 1,7% no volume exportado (637,8 mil toneladas para 627,2 mil toneladas). Mas, a indústria não levou muito em consideração esta redução, porque os valores recebidos foram 0,5% a mais, rendendo US\$ 3,27 bilhões, em 2013.

Haverá mesmo queda significativa nas exportações de fumo brasileiro no ano de 2014? Com toda certeza, sim. Na proporção da queda ocorrida no primeiro semestre? Ainda é difícil de fazer esta afirmação. Duas questões possibilitam levantar esta dúvida.

A primeira questão é que as exportações de fumo realizadas no segundo semestre sempre são maiores que as que ocorrem na segunda metade do ano. O segundo semestre exportou, em 2012, um volume 38% maior que o do primeiro. Em 2013, o volume exportado no segundo semestre foi 37,8% maior que nos primeiros seis meses do ano. Qual o comportamento da segunda metade de 2014 no volume de fumo a ser exportado é o que precisamos aguardar. Mas, dificilmente recuperará as perdas do início deste ano.

As quedas no consumo de países importadores, com o conseqüente aumento nos estoques mundiais podem apontar para uma situação efetivamente estrutural para a realidade da fumicultura brasileira. E esta realidade é a da permanente queda nas exportações e, como 87% do fumo brasileiro é exportado, também a da permanente queda na produção nacional. As oscilações no tamanho da queda ficam por conta da disputa pelos mercados internacionais entre os principais países produtores e exportações e nas estratégias que serão elaboradas e implementadas pelas indústrias (todas transnacionais) para se posicionar diante dessa realidade.

A segunda questão é menos técnica é mais política. Até que ponto as empresas exportadoras de fumo não estão "fabricando" um cenário negativo. Uma queda significativa nas exportações com toda certeza forçaria, por um lado, uma redução nos preços do fumo pagos

## FUMICULTURA NO BRASIL: FUTURO INCERTO

aos produtores. E, por outro lado, pressionaria o governo em relação à política de câmbio e antecipar recursos de crédito rural para a comercialização, como já ocorreu em anos anteriores em que a crise nas exportações de fumo foi ainda pior.

### **Uma visão mais detalhada das exportações do fumo brasileiro**

Além de um olhar sobre o total das exportações do fumo brasileiro, é importante observar também os detalhes dos diversos tipos de fumo que são exportados.

Dos 18 tipos de fumo exportados pelo Brasil, segundo a NCM – Nomenclatura Comum do Mercosul para identificar os produtos exportados, três são os que merecem destaque, em função do volume exportado, segundo os dados do ano de 2013: o fumo virginiano manufaturado total ou parcialmente destalado, que respondeu por 60,4% do total exportado; o fumo burleynão manufaturado total ou parcialmente destalado, que respondeu por 8,7% do total; e os “desperdícios de fumo”, responsável por 26% do fumo exportado (embora, em termos de valor, este tivesse representado apenas 3% do total).

Porém, enquanto a queda nas exportações, comparando-se o primeiro semestre de 2014 com o mesmo período de 2013, do virginiano e dos desperdícios de fumo fica em torno dos 36,5%, ficando dentro da média da queda total, isso não ocorre com o burley. A queda nas exportações do burley entre os mesmos períodos de 2014 e 2013 foi de 41%, inclusive com perda de valor maior, que caiu 43%.

Há que se observar ainda o seguinte: se o volume exportado do virginiano é sempre maior no segundo semestre, com o burley ocorre o contrário. Tradicionalmente, o primeiro semestre exporta mais que o dobro do volume em relação ao segundo semestre. Ou seja, se houver alguma recuperação nas exportações, o responsável será o virginiano. Já há algum tempo falava-se que

estaria havendo uma transferência da produção do burley do Brasil para o Malawi. Isso estaria se consumando?

Independente disso, com esse fato caem, totalmente por terra, os falaciosos argumentos das indústrias de que a proibição dos aditivos (e, particularmente, do açúcar) pelo Brasil afetaria em cheio os agricultores produtores do fumo burley. Ainda a proibição dos aditivos não está em vigor, o uso do açúcar ficou totalmente liberado e os produtores de burley serão afetados e, aparentemente, de forma dramática.

### **As contradições e ironias do Sinditabaco e da Afubra**

É necessário, nesse momento e diante dessa realidade, recordar do que foi a V Conferência das Partes da CQCT – Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, realizada em Seul (Coreia do Sul), em novembro de 2012. No processo de preparação da Conferência, houve um documento do Secretariado da COP, que propunha a deliberação pela redução da área de produção de tabaco. O governo brasileiro e todas as entidades representativas e de apoio à agricultura familiar se posicionaram contra essa proposta em função de uma discordância de estratégia na implementação da Convenção e na sua relação de consequências junto aos agricultores, defendendo-se uma estratégia de apoio a programas de diversificação.

Mas, as indústrias, o Sinditabaco, a Afubra e outras entidades que se posicionam com a mesma lógica foram radicalmente contra e criaram um ambiente de pânico, sob o argumento que defender a redução de área afetaria diretamente os agricultores produtores que seriam excluídos do processo produtivo e deixados à mercê da própria sorte. A proposta sequer foi considerada no debate daquela Conferência e o rumo do debate avançou por outros caminhos.

Ironicamente, o que acontece nesse momento: a Afubra passa a defender

## FUMICULTURA NO BRASIL: FUTURO INCERTO

publicamente uma política agressiva de redução da área plantada de fumo. Propõe que haja uma redução de 12% na área de produção do Virginia e de 22% na área de produção do Burley. Que entidade é essa que se diz defensora dos produtores de fumo?

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2012, a produtividade média do fumo por hectare, na região Sul, é de 2.020 quilos, sendo que para a produtividade do Burley é um pouco menor, girando em torno de 1.700 kg/ha. Ao propor esse percentual de redução de área plantada, sob o argumento de preservação do preço do fumo, a Afubra está propondo uma redução de 101.800 toneladas na produção desta próxima safra. Pela média de produção das 160 mil famílias produtoras, isso representaria uma redução automática de 13% das famílias produtoras. Ou seja, a **AFUBRA ESTÁ PROPONDO A EXCLUSÃO DE 21.200 FAMÍLIAS DA PRODUÇÃO DE FUMO**.

Já o Sinditabaco é um pouco mais irônico. Ao colocar a causa da redução das exportações no aumento da produção dos países africanos, particularmente no Zimbábue, afirma que o motivo é a baixa remuneração da mão-de-obra naquele país. Para Iro Schünke, dirigente do Sinditabaco, "no Zimbábue, o preço médio pago ao produtor está na faixa de US\$ 3,17 por quilo. Já no Brasil, a variedade virginia, que representa cerca de 85% da produção local, custa cerca de US\$ 3,55 para a indústria pelo câmbio atual" (Valor Econômico, 28/07/2014).

Ou seja, comparado com o Zimbábue, o Brasil paga aos produtores de fumo a vultosa quantia de US\$ 0,38 a mais, o equivalente R\$ 0,80 a mais por quilo. Além do ridículo comparativo, como se o agricultor brasileiro fosse um milionário, está clara a estratégia que será montada pelas indústrias: uma das formas fundamentais de continuar a competitividade internacional do fumo brasileiro é a redução do preço pago ao produtor.

Ou seja, de um lado, a Afubra defende a

redução da remuneração dos agricultores.

E se as duas coisas acontecerem? Qual será a atitude do Governo que é obrigado, por força de lei, a apresentar "alternativas economicamente viáveis" aos agricultores atingidos pela redução do consumo e da produção? (artigo 17 da Convenção-Quadro).

Além de muito atentos ao que pode ocorrer nessa próxima safra, é preciso ficar muito alerta – Governo e Sociedade Civil – no acompanhamento dessa realidade e, sobretudo, na execução de medidas urgentes que estejam à disposição das famílias de agricultores que porventura sejam atingidas. A simples exclusão e a sorte do destino não podem ser a única alternativa.

### **Diversificação é fundamental para a sobrevivência do agricultor**

A importância da diversificação dos produtos cultivados na Agricultura Familiar foi destacada pelo Ministro de Desenvolvimento Agrário, Miguel Rosseto, durante o lançamento do Plano Safra do Paraná 2014/2015 em Curitiba, no dia 28 de julho. Na ocasião, Rosseto disse que a diversificação de culturas nas Unidades de Produção Familiar é fundamental para a sobrevivência destes agricultores. "O objetivo do Ministério do Desenvolvimento Agrário é permitir que milhões de brasileiros permaneçam na terra, de forma sustentável. A agricultura familiar é pequena e democrática na ocupação, mas grande na representatividade".

Na ocasião, o Ministro acompanhou a assinatura de nove contratos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) que beneficiarão 7,300 famílias paranaenses. Entre eles o contrato que favorecerá 1,200 agricultores de 11 municípios do Centro Sul do estado do Paraná, para Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. Fazem parte do Projeto os municípios de Guamiranga, Imbituva, Ipiranga, Ivaí, Prudentópolis, São João do Triunfo, São Matheus do Sul, Irati, Palmeira, Mallet, e Rio Azul. O

## FUMICULTURA NO BRASIL: FUTURO INCERTO

projeto deverá se estender ainda para os municípios de Teixeira Soares, Fernandes Pinheiro e Rebouças. Miguel Rosseto ressaltou também que as chamadas de Ater podem fazer a diferença na situação econômica dos Agricultores Familiares. "As chamadas de Assistência Técnica e Extensão Rural visam possibilitar uma diversificação na produção e uma ascensão econômica destes produtores".

O principal objetivo da chamada de Ater destinada aos agricultores do Centro Sul do Paraná é a diversificação dos produtos cultivados. O agricultor que planta tabaco precisa recorrer também a outras culturas, pois a plantação de fumo é reduzida gradativamente no Brasil por causa da adesão do país à Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco da Organização Mundial de Saúde (OMS). Assim, o cultivo deste produto deixará de existir, mais cedo ou mais tarde, como alerta Amadeu Bonato, Coordenador do Departamento de Estudos Sócio – Econômicos Rurais (Deser). "Essa é a única cultura que inevitavelmente deixará de ser cultivada, há diversos incentivos por parte do poder público para que isso aconteça, portanto é muito importante que os fumicultores trabalhem também com outras culturas".

Quem também ressaltou a importância da diversificação de culturas foi o Secretário Nacional da Agricultura Familiar, Valter Bianchini. "O Agricultor Familiar planeja sua propriedade para entradas constantes de renda que servem para a manutenção da casa, dos equipamentos e da família. Portanto, é um erro se ater a apenas uma cultura, precisa haver diversificação para que este agricultor possa se planejar e conseguir manter sua propriedade com mais dignidade".

### **Fusão da Reynolds American e da Lorillard**

No mês de julho duas das maiores empresas do ramo do tabaco anunciarão uma fusão. A americana Reynolds American, número um do setor confirmou, no dia 15/07, a compra da rival

Lorillard por 27,4 bilhões de dólares. O acerto deixa a indústria do tabaco dos Estados Unidos nas mãos de um duopólio e cria um desafio de peso para o concorrente grupo Altria, dono de marcas renomadas de cigarros, como Marlboro e L&M.

O faturamento estimado do conglomerado é de 11 bilhões de dólares e lucro de cinco bilhões de dólares anuais. A união também deve render uma redução de custo de 800 milhões de dólares. A Reynolds seguirá com suas históricas marcas Camel e Pall Mall, e, sobretudo, com a campanha de cigarros eletrônicos VUSE. Mas, com a aquisição, algumas marcas serão desmembradas. O concorrente Imperial Tobacco Group vai pagar mais de sete bilhões de dólares pelas marcas de cigarros Kool, Salem, e Winston - triplicando seu tamanho no mercado americano. Imperial também está comprando a marca Blu, líder em cigarro eletrônico.

No entanto, o surgimento deste conglomerado, pode significar novos caminhos a serem seguidos pela indústria do tabaco, uma oportunidade histórica de reformulação, levando-a mais rapidamente a novas alternativas, como os cigarros eletrônicos, que usam a energia de uma bateria para vaporizar um líquido carregado de nicotina. Esses dispositivos mostram uma adaptação da indústria frente à queda no número de fumantes, como resalta a Dra. Tania Cavalcante, Secretária Executiva da Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CONICQ). "Para nós, essa fusão representa uma adaptação da indústria frente a um mercado em franca retração. Duas grandes empresas juntas suportam mais esse momento adverso. Há evidências de que depois de quase 10 anos de implementação global da Convenção-Quadro, os seus objetivos começam a ser alcançados em termos de redução do tabagismo em nível global. Em muitos países, especialmente na Europa, o tabagismo está em queda". A especialista lembra que um exemplo marcante e recente na queda do número de consumidores de cigarro é a

## FUMICULTURA NO BRASIL: FUTURO INCERTO

Rússia, o segundo país com maior consumo de tabaco, e que nos últimos três anos passou a adotar de forma exemplar medidas da Convenção. O governo russo acaba de anunciar uma queda de 16 % no consumo.

Dr. Tânia destaca que no Brasil o tabagismo já vem em queda há alguns anos. "Alcançamos uma das prevalências de tabagismo mais baixas do mundo. E todo esse movimento agora se reflete no negócio tabaco. Grandes transnacionais como a British American Tobacco e a Philip Morris, tidas como imbatíveis, mesmo em um ambiente hostil aos seus negócios, entre 2013 e esse ano fecharam fábricas, demitiram funcionários, tiveram queda importante de seus papéis na bolsa e falam em diversificar o portfólio de negócios. E uma das apostas é nos cigarros eletrônicos um produto inventado por um farmacêutico chinês em 2003 como produto para ajudar a deixar de fumar, mas cujo consumo cresce exponencialmente em vários países alimentado pela propaganda de que é um produto menos tóxico que os cigarros convencionais e que pode ajudar a deixar de fumar, atributos esses que ainda carecem de comprovação científica".